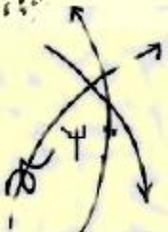
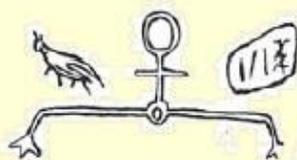


# IBERÊ DO NASCIMENTO



ΠΡΟΒΟΛΕΣ ΚΑΘΗΜΕΡΕΣ ΤΗΣ  
ΕΠΙΣΤΗΜΗΣ ΠΡΟΣΕΝΕΙ ΤΟΝ  
ΚΟΝΗΑΔΟΝ ΟΥΚ ΑΙΣΙΑ  
ΤΑΙΝΤΕΡ ΠΡΟΣΕΝΕΙ ΤΗ  
ΤΙΜΗΝ ΑΝΘΡΩΠΙΝΗΝ  
ΤΗΣ ΑΝΘΡΩΠΙΝΗΣ  
ΑΝΤΙΦΑΣΕΩΣ ΤΗΣ  
ΕΠΙΣΤΗΜΗΣ ΚΑΙ ΤΗΣ  
ΕΠΙΣΤΗΜΗΣ ΚΑΙ ΤΗΣ  
ΑΡΧΗΣ ΤΗΣ ΕΠΙΣΤΗΜΗΣ  
ΑΝΘΡΩΠΙΝΗΣ ΚΑΙ ΤΗΣ  
ΕΠΙΣΤΗΜΗΣ ΚΑΙ ΤΗΣ





Copyright©2017 Iberê do Nascimento

**ORAN**  
**Iberê do Nascimento**

1ª. Edição

1ª. tiragem – janeiro de 2017

*Coordenação Editorial*

Jefferson Borges

*Revisão*

Caminho das Letras Revisões

*Diagramação*

Equipe Livre Expressão

*Capa*

Iberê do Nascimento

*Foto de orelha*

Luciana Oliveira de Azevedo do Nascimento

**ISBN 978-85-7984-972-5**

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação  
Ficha Catalográfica feita na editora

---

Nascimento, Iberê do

ORAN / Iberê do Nascimento. 1 ed. São Paulo: Rio de Janeiro:

Livre Expressão, 2017.

104 p. : 21 cm(broch.) ; fotos : il.

ISBN 978-85-7984-972-5

CDD B869.35

CDU 82; 821

N2440

---

**Índice para catálogo sistemático**

1.Literatura 2.Literatura Brasileira-Poesia. 1.Título

“então, querendo e não querendo e não podendo, senti: que só de um jeito. Só uma maneira de interromper, só uma maneira de sair – do fio, da roda, do representar sem fim. Cheguei para frente, falando sempre, para a beira da beirada. Ainda olhei, antes. Dei a cambalhota. De propósito, me despenquei. E caí.”

(João Guimarães Rosa)

**às pessoas do mundo que me fazem emergir, em especial ao pessoal lá de casa: Sara, Paula, Martim e Luciana.**

**Dedicado** *“então, querendo e não querendo, e não podendo, senti: que – só de um jeito. Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair – do fio, do rio, da roda, do representar sem fim. Cheguei para frente, falando sempre, para a beira da beirada. Ainda olhei, antes. Dei a cambalhota. De propósito, me despenquei. E caí.”*  
(João Guimarães Rosa)

às pessoas do mundo que me fazem emergir

## Sumário

Prefácio .....	9
Sísifo .....	13
Augúrio .....	15
Os gatos .....	17
Os cães .....	21
O arco .....	23
Kátia Flávia Madalena .....	25
Pele fina e perfeita .....	29
Rosmarina .....	31
O charme discreto do desejo .....	37
Grande Hotel, quarto 21 .....	39
Eternidade .....	41
Porto seguro .....	43
Não sei ao certo .....	45
<i>Moon at noon</i> .....	47
<i>Kepha</i> .....	49
Berro .....	51
Reconstituição da cena .....	53
Percebendo lado a lado .....	55
benjorgiana nº1 .....	57
A segunda lição de taca .....	59

<b>Labiata .....</b>	<b>61</b>
<b>Relicário.....</b>	<b>63</b>
<b>Anjos.....</b>	<b>65</b>
<b>Mexeu com uma mexeu com todas.....</b>	<b>67</b>
<b>Yves vai à guerra.....</b>	<b>69</b>
<b>O fado .....</b>	<b>71</b>
<b>O que ele está fazendo? .....</b>	<b>73</b>
<b>Mesmo não sendo luz .....</b>	<b>77</b>
<b>Aprofundo o pensamento .....</b>	<b>79</b>
<b>Farol .....</b>	<b>81</b>
<b>Aos que viram turmalinas.....</b>	<b>82</b>
<b>Não me responsabilizo.....</b>	<b>85</b>
<b>Grilo .....</b>	<b>87</b>
<b>Ceguei agora do caminho deserto.....</b>	<b>91</b>
<b>O tempo.....</b>	<b>93</b>
<b>Caqui ao chão .....</b>	<b>95</b>
<b>Bentevi.....</b>	<b>97</b>
<b>Urubu-malandro .....</b>	<b>99</b>





## Prefácio

Pense numa caixa de mágicas: você sabe que é truque. Pense numa caixa de mágicas malucas. É mais truque ainda? Ou é o inverso, onde o refinamento de beleza na combinação entre surpresa e realidade revela um instante fantástico? É assim a originalidade.

No verão de 59 nos encontramos pela primeira vez. Havana ardia em chamas. Oran já havia sido assolada pela Peste há muitos anos, mas ele ainda não sabia. Mas, afinal, ela se espalhou e acabou por acometer a todos nós, num rastro de ganância e morte, que invadiu os campos onde foram depositados os corpos dos soldados. Ele também não sabia dos guetos e das planícies geladas, e a dor dos sobreviventes.

Na ocasião, ele não transpareceu ter assimilado alguma luz especial, imagem recorrente em minhas diversas encarnações. E fomos vivendo, seguindo os dias do mundo, um mundo que parecia iluminar-se com as novas liberdades. Fomos vivendo, distraídos. A Roda dos Dias girando, e as tardes eram quentes. Nossas essências, uma se alimentando da outra, mas cada um na sua, como se dizia. Convivência pacífica de almas.

Cerca de 20 anos depois nos encontramos novamente. Ele trazia, numa bolsa de couro, os manuscritos do que seria o primeiro volume de sua obra poética. Pediu-me, sem muita convicção: “Leve este material. Leia. Gostaria muito de tua opinião”. Constrangido em negar, peguei aquelas folhas, coloquei-as embaixo dos braços. “Fique tranquilo”, falei. “Eu te devolvo em poucos dias. Lerei com prazer.” Na verdade, nem ele nem eu, resignados, acreditávamos num encontro novamente. Afinal, o último havia sido há 20 anos! E realmente! Passaram-se semanas, meses! Aqueles papéis permaneceram ali esquecidos na gaveta da escrivaninha.

Contudo, foi um daqueles momentos inexplicáveis, em que a distração se distrai, e um feixe de curiosidade foca o olhar numa foto antiga. Foi assim que comecei a ler aqueles manuscritos: com uma curiosidade quase arqueológica!

De repente, apenas de repente, uma explosão! Leio, releio, leio de novo, leio dez vezes e me apaixono.

O primeiro signo do poeta: palavras arremessadas. Depois justaposições, construções. Começar e recomeçar. Um Sísifo revisitado.

Mas o que ele está querendo dizer?

“Os medos do homem: o tempo finito, espaço infinito, imprevisto destino.”

“Como se o destino não igualasse o porto seguro às procelas do mar azul.”

De onde emergiram estes personagens estranhos?

O Velho da Argélia, com sua sabedoria alquimista. Transita entre o bem e o mal, e os olhos dos outros é que escolhem. Estará ele por trás do acontecido com os gatos e os cachorros? E o que estará ele fazendo naquela casa, e os barulhos que ele faz...

Kátia Flávia Madalena, que aqui e ali aparece, ora aqui, ora ali.

Engajada, discursando na assembleia popular. Ensinando ao profeta a beber a água da vida, exalando em cheiros de matos.

Urubu-malandro, personagem eclético e elegante, trágico grego ioruba.

Paulo César de Araújo Silva, alter ego, ao fazer poesia das coisas  
comezinhas, o dente da frente ausente, quebrado no sorriso.

Que lugar é esse no mundo, tão perto daqui e tão longe, em Sevilha?  
Um berço mediterrânico numa ilha ao sul do mundo?

Onde o mundo se conjuga num universo particular de sotaques, ruas,  
ventos, e se acopla às mais diversas margens e miragens, malecones  
e desertos.

O X do sotaque daqui, a curiosidade ancestral de quem sabe seu  
porto e seu porto seguro.

O universo da eterna dúvida, o universo do poeta. Entre o como se  
escreve e o que se diz.

Fatos narrados são fatos ocorridos? A aldeia variada, referências,  
paideuma. Que linguagem é esta? Mistura caprichos de estilo, da  
árida sonoridade cabralina, aicais, pop. Contexto ao mesmo tempo  
universal e ao mesmo tempo local. A casta da cidade, o povo do mar  
de Portugal.

Iconoclasta ou adorador de imagens, ídolos de barro?

Como explicar a criação deste universo, este conjunto de elementos  
tão estranhamente entrelaçados: lugares, tempos, pessoas?

Pouco importa a explicação.

(F. Abdelaiev)



## sísifo

Do que o corpo aprende:  
do choro primal da vida  
um medo já conhecido.  
Dos primeiros passos  
o precipício.

Como se tudo isso,  
de fato,  
já estivesse definido  
desde o início.

E cada rito e cada verbo assim aprendido  
parece, isto sim,  
um livro já anteriormente escrito.

E recomeço e sempre.  
Começo de manhã bem cedo.  
Monte acima, ao cume, ao começo.  
E volto e revolto ao topo  
e de novo renovo.

Sempre renovo  
– ovo –  
a gema, a rocha, a mesma pena.  
Sempre remete ao mesmo,  
ao verbo velho,  
e condena da mesma maneira.  
Reitera  
da mesma velha maneira.

Eu jogo o jogo:

não julgo.  
E subo  
e subo sempre a escada  
e sobre o monte  
o monturo diurno  
elevo  
e levo a pedra sagrada  
ofertada.

E, já no cimo de San Jerônimo,  
avisto o mar.  
O mar verde magrebe.  
O mar dos fenícios (que aqui estiveram).  
O mar de Espanha, o mar oceano.  
O mar dos franceses, dos romanos.

E, já no cimo de San Jerônimo,  
avisto o alvo: o mar latifúndio.  
E neste momento  
finisterra  
ela (a pedra)  
de novo rola  
a mesma história, o mesmo arremesso, absurdo,  
morro abaixo.

E de novo desço, seixo,  
após o breve infinito.  
E recomeço de manhã bem cedo  
monte acima  
ao cume  
ao começo.

A vida não é só isto.

## augúrio

Este vento vem do sul  
– rebojo abrupto –  
muda o azul  
em giro súbito,  
em cinza, do claro ao turvo.

É certo que tal vento dito  
algum acontecimento anuncia.  
Traz na tela um filme,  
cena mística:  
parece noite quando ainda é dia.

Já o vento quente, siroco,  
é ar sufocante e seco.  
Vem do deserto  
e de pó recobre a pele.  
De sílica a reveste.

É certo que tal vento dito  
um agouro prenuncia.  
Presságio, um dístico.  
Parece morte quando ainda é vida.

É certo que tal vento  
não é brisa que do mar germina,  
calmaria, alísio.  
Refuga os olhos de outro clima,  
um clima de passeio em família.

É certo que tal vento  
um pressentimento anuncia.  
É rajada no meio do sonho  
sobressalto, um susto.  
Parece noite quando já é dia.

## os gatos

O homem velho cuspia  
saliva nos gatos.  
Em cada estaca, dia após dia,  
no porto, na arataka.

Segunda, terça, todo dia  
– um gato molhado,  
melado  
(uma jia).  
E o homem velho em sua rotina.

À noite, insone,  
cuidava de pôr números.  
Marcava no papel de padaria:  
três, cinco, mais meia dúzia.

Toda noite, muitos anos  
– a cusparada compulsiva.  
Gatos cinzas, persas, abissínios,  
os tigrados e os de pelagem fina.

Esta a sua vida:  
de contínuos calendários.  
Semanas inteiriças  
sem dias ou equinócios.

E é assim desde o início,  
naquela tarde seca de agosto  
de novecentos e oitenta e oito.  
Toda cor virou nódoa,  
todo encanto fez-se nojo.  
Beirava os trinta e três,  
– já são trinta do infortúnio.  
O homem velho desde aquele dia:  
quantos gatos com sua espuma?

Primeiro um, depois dois,  
logo vinte.  
Corpos secos no chão,  
as tripas secas das vítimas.

Ato meticuloso, constante,  
já contei cento e vinte:  
O modus operandi  
denuncia um serial killer.

Ponto comum  
nas mortes felinas  
– saliva e o bacilo –:  
culpados pelo genocídio.

Morrer não é coisa aprendida,  
acontece todo dia.  
Parece longe – em Sevilha –  
quando nos ronda cá na esquina.

Morrer  
(que não se diga em conversas ribeirinhas)  
é assunto de árias:  
pede o silêncio das línguas.

Contudo seria calar-se frente ao fato óbvio.

Mortos

– os gatos –,  
quais seriam os próximos?



## os cães

Um cão na rua não basta a si.  
Precisa de outro cão,  
e outro,  
a ouvir o seu latir.

E este outro,  
ao se importar com isto,  
avisa a outro cão  
que a outro late o ocorrido.

Deste modo corre a notícia,  
percorre a rua de baixo a cima:  
sumiu  
aquele do sobrado da esquina.

Sabe-se lá:  
foi de cio?  
ou estricnina?



## o arco

Este é o meu arco.  
Este é o espaço  
em que me prendo ou escapo.

Este é o traço  
que demarca  
meu limite geográfico.

Ao braço,  
acessório operário,  
cabe expandir os graus do compasso.

Ao passo  
que aos pés descalços  
ultrapassar tão parco pátio.



## Kkátia flávia madalena

Leila

(ao iniciar os discursos):

“já não tão muito  
o mundo,  
já não tão absurdo  
a aldeia de McLuhan”.

Marta

(quando escancara os olhos a todo este conjunto)

cética (diz):

“o mundo é Pernambuco”.

Laura

(introduziu este assunto):

“a poesia não é o poema.  
O verso é isto tudo:  
a terra sem fim, extensa”.

Mara

em voz plena, cortante, uma espada sarracena.

Em alto volume no primeiro instante  
que reduz quando a plateia se atenta.

Julia

voz morena, com a precisão de um sussurro.

Seus olhos calmos, serenos,  
a esconder outros olhos de tumulto.

Sônia

uma flor rude, de espinhos nas pétalas.

Não deixa margem a dúvidas

seu falar inciso e agudo.

Regina

(palavras de ordem, inúmeras).

Palavras múltiplas

a tecer o fio da rima.

Teresa

não é de sua natureza

estancar a frase afiada.

É antes corte preciso, cirúrgico,

verbo de decisão e certeza.

Sandra

(nada impede o ciúme).

Já não canta o calmo mantra:

Busca, convulsa, em vão,

um rosto na multidão.

Mariana

(impera o oculto)

o mistério no cotidiano pulsa.

De pedras e pano rústico ela se veste:

estilo telúrico de bruxa.

Renata  
(não fala de si)  
Nenhum fato a confessar, impuro.  
Não será, no entanto,  
o silêncio o próprio conteúdo?

Joana D´Arc

(psicóloga)  
tentando libertar-se  
lógica  
das couraças do Reich.

Katia Flávia!  
Ah, Katia Flávia é diferente  
com seu jeito de olhar de frente,  
trocando as mãos pelos pés.  
“Atire a pedra primeiro,  
que o pecado vem depois.”



**pele fina e perfeita**

vermelha

o tomate (na feira)



## rosmarina

Sei que era grama, sem cansaço,  
e três noites de sono.  
Das três noites de sono  
ainda assim permaneço.

Ainda assim permaneço  
aterrado aos joelhos  
dos jovens aromas repletos.  
Ontem me rendia o desejo.

Sei que era um janeiro  
com seus dias e noites completos.  
Teu cético rigor de sereno, relembro,  
ao retardar a manhã no alpendre.

Flutuas nas noites, ainda vejo.  
E não havia cansaço,  
vagando em teu rumo insano  
sem mapas ou oceanos.  
Dormias teu sono aparente.

Nada, no entanto, revolta o manso mormaço  
das noites dos campos de feno.  
Rosmarinho, tomilho, coentro.  
Quando lembro  
lembro o extremo:  
teus cheiros.





Árvore na água  
refletida em círculo,  
crepúsculo.

Imagem da margem.



**lua vermelha nasce  
como um sol poente  
no negativo da fotografia**

13 19:00



## o charme discreto do desejo

Meus dedos abrem caminho  
por entre os cabelos pretos  
e macios.  
Um cão na rua, sujo e baldio.

Arrasto o pelo junto ao pente  
por entre os cabelos pretos,  
rente ao meio-fio.  
Um cão andaluz, sujo e baldio.

Charme discreto  
por entre os cabelos pretos,  
eretos.  
Um cão em desatino que,  
pelo cheiro,  
encontra a fêmea de colo fértil.



## grande hotel, quarto 21

Eles juntos lá no parque  
enquanto a noite cai sobre a tarde.  
Um corpo sobre outro corpo arde  
retesa músculos e ossos  
tingindo em brasa os olhos  
E um desejo louco sem modos.

Quarto 21, cais do porto.

Eles juntos beirando a baía  
Confusos, lembro bem o dia,  
naquele estranho hotel subiram:  
o neon cintilando em brilho  
refletia a pia e o ladrilho.  
Nem cortina ainda havia.

Quarto 21, de novo.

O saxofone em algum lugar suplica  
enquanto caminham na avenida  
e as luzes no mesmo ritmo da batida.  
A moeda que o cego não via:  
“O escuro às vezes pega de dia  
E aí não tem jeito, minha amiga”.

Quarto 21, cais do porto.

Amanhece, o quarto vazio.

Vendo as roupas espalhadas ao chão  
tentou dizer: “Já foi tarde, felicidades!”.

A janela toda aberta

um olho a procurar por ela

E o outro vazio, como antes também era.

Quarto 21, de novo.

Ouvindo o barulho das horas  
percorrendo o som das ondas  
procurando no cais e nas docas.

Marinheiros suando lá fora

as moças dormindo a esta hora.

Talvez um dia se cruzem na orla.

Quarto 21, cais do porto.

Dizem do destino, fado:

“Cada um e sua sina”.

Chamo a isto “Mero Acaso”.

Penso nela sempre à tarde

sei que um dia será realidade.

Almas se juntam noutra cidade.

Quarto 21, de novo.

## eternidade

Eternidade é saber-se precário  
é saber-se um corpo, um falo,  
intenso,  
somente  
por instantes.  
É descobrir-se, de repente,  
um sobrevivente.

Assim, me tenho eterno  
em vários momentos  
diferentes.  
Na explosão fugaz do sêmen, no aposento.  
Na infindável agonia, convulsa e lenta,  
da dor de dentes.

E no próximo momento,  
(e não será o último certamente)  
ser eterno é calma:  
o suave conforto dos lençóis de cambraia  
o alívio brilhante da analgesia.

Sei só o que sou:  
eternidade é diferente.  
É como se a gente dissesse pra lente:  
capta  
rápido  
este instante.  
Torna-o permanente.



## porto seguro

Se estás sob os saís  
e sob a terra  
e sob os caminhos gelados,  
abissais.  
Se estás sob os signos imponderais  
onde não há peso nem medida  
onde não há crime nem castigo  
onde não há guerra ou amigo.

E se porventura encontrares um abrigo  
(a casamata sob o perigo),  
é ali, meu caro,  
sob a laje fria e improvável  
onde jamais imaginarias.  
É ali teu porto seguro,  
tua parada, Senhor Obscuro.

E se pensas que isto é tudo  
que acabou o perigo  
o fim do mundo  
te enganas, amigo.  
Como sempre e sempre foi contigo.

Pois ainda há mais,  
de dor e amor  
e, sobretudo,  
um grande poço lá no fundo.  
De onde buscas,  
num soluço  
um gole, absinto  
talvez o último.

E aquele orgulho profundo,  
sempre um olhar superior sobre o mundo,  
como se a lástima da história não chegasse um dia.  
Como se a fria ventania  
da ilusão e do fracasso  
da solidão, da lágrima e do cansaço  
fossem apenas sensações  
dos fracos e dos vagabundos.

Como se os desígnios do destino  
não igualasse a rainha ao súdito.  
Não igualasse o porto seguro  
às procelas do mar azul.

## ão sei ao certo

Nunca sei ao certo

se o que observo  
está por perto  
ou mais distante,  
no universo.

Não sei ao certo

se o que sinto  
é o correto  
ou o grande erro  
tão bem encoberto.

Nunca sei ao certo

se o som que emito  
é berro  
ou aos ouvidos meros  
um contido sorriso amarelo.

Para ser sincero

nem sei bem ao certo  
se quando digo:  
quero!  
não está por trás o desejo inverso.

Nunca sei ao certo

se pela vida espero  
resignado,  
subalterno,  
ou se num rompante me altero.

Não sei ao certo

se ao movimento  
escolho a linha transgressa  
ou, ao contrário:  
gesso.

Nunca sei ao certo

se o movimento desbrava,  
amplia o eixo  
ou, ao contrário:  
permanece o mesmo.

Para ser sincero

Nem sei bem ao certo  
se quando sigo: reto!  
Não estará por trás  
caminho mais complexo.

## moon at noon

Teus olhos buscam o infinito:  
ofereço o íntimo.  
Outras vezes se recolhem, tímidos,  
quando, então, te entrego festas e fogos de artifício.

Quando teus olhos riem,  
maquiagem,  
bom disfarce da melancolia.  
Ofereço em troca a mais sincera alegria:  
o voo puro e radiante das entrelinhas.

Teus olhos pedem o sol  
– a luz da clorofila.  
Eu ligo a chave elétrica da usina  
que lampeja os postes da 5ª Avenida.

Quando, romântica,  
desejas a noite mais cândida  
– luz de velas de um encontro, poesia –  
te convido a ver a lua ao meio-dia.

Teus olhos curiosos de turista  
fotografam o cartão-postal.  
Te apresento então aos guetos e cortiços,  
e as quebradas do Maciço Central.

Sei também que aprecias  
os traços e as cores de Tarsila.  
Quando então te levo à galeria,  
nua e vazia,  
que expõe o mofo  
amorfo e cinza.

Sei que buscas em mim  
alguém sempre forte.  
Uma enseada segura, um suporte.  
Alguém a ceder aos caprichos  
do cesto de desejos.

Não me iludo diante disto  
e sempre faço o contrário.  
Mantenho acesas tuas vontades,  
e assim te mantenho acesa ao meu lado.

## *kepha*

Para mesa: mesa.

Para a mesma mesa, ceia.

Que tem ainda outro nome  
para um outro que não a tenha.

Para o pé: pé.

Para o mesmo pé, caminho.

Que tem este nome  
para aquele que traça o destino.

Para pedra: pedra.

Para a mesma pedra, Pedro.

Que tem este nome  
para o mesmo que ergueu o segredo.

Latifúndio: largo.

Comedido: barco.

O primeiro só cabe em si.

O outro se cria em volta  
mares e (quintais) sem fim.



## berro

O berro que atira  
é o berro concreto.  
O grito etéreo  
não ouvido.

O estampido surdo  
é surdo assim dito  
mais por não ouvido  
do que por não dito.

E ao se fazer às vezes  
de grito  
preso entre os dentes  
é rugido.

O tiro que causou o morto  
não foi audível tampouco.  
Não por ser uivo afônico  
mas por fingir tímpanos moucos.

Os ecos que os dias sufocam  
transmutam-se em tiros diversos.  
Conforme a terra que habitam.  
Conforme as gentes que os geram.

O grito seco e agrário  
do trabalhador na terra  
vira em foice o desespero.  
Pouca escolha é dada a tal esqueleto:  
nem velas nem céu nem cemitério.

Navalha é a mesma guilhotina  
que cinge o pulso do suicida.  
Matar-se é tanto calar-se  
quanto, de certo modo, catarse.

Há, porém, tantas maneiras  
a sufocar o berro das línguas  
tão sutis e criativas,  
didas em palavras e meia.

A liturgia das batinas.  
Soldados em ordem unida.  
Burburinhos nas esquinas.  
Avental, clorpromazina.

Não espanta desse modo  
tantos tiros e tão vários.  
Se tiros são gritos concretos  
o morto mais que corpo: vazio.

## reconstituição da cena

Dentre as pistas deixadas na cena,  
as digitais.  
No cartão-postal,  
as iniciais.

Restaram apenas na cena  
as evidências.  
Na moldura do quadro,  
o retrato falado.  
Nas pegadas,  
as marcas do sapato.

O pé de coelho  
amuleto  
esquecido atrás do armário,  
preso ao chaveiro do carro,  
junto à arma de brinquedo.

Na agenda do telefone  
o codinome  
e a senha do e-mail.  
Dentre as pistas,  
longe das vistas,  
embaixo do travesseiro  
uma carta  
com nome, foto e endereço.



**Percebendo lado a lado  
colados  
os rostos**

**fecho rápido  
o álbum  
de fotos**



## enjorgiana nº1

Porque o ar é divisível  
em outros tantos elementos  
e que por momentos  
também estão disponíveis.

E se o mar tem tantas cores  
e permanece no estado líquido.  
E se o sol é tão antigo  
anterior ao fogo e ao indivíduo.

E se a terra traz consigo  
a memória da semente  
como o destino do trigo.

E se a grande obra  
é magia  
do deus, da sorte ou da alquimia,

vejo agora em cima, ao monte,  
no cume de San Jerônimo  
na pedra cristal de turmalina.

Abdelaiev

aquele velho da Argélia  
desce o mar negro e outros mares.  
Detentor dos segredos,  
das fórmulas  
e das manhas da fissão atômica.

Abdelaiev

aquele velho da Argélia  
vaga o deserto e outras miragens.

Tradutor das páginas,  
das escrituras,  
das tábuas e dos segredos magistrais.

Abdelaiev

aquele velho da Argélia  
desce o malecon e outras margens.

Sabedor do poder esotérico das misturas  
e os textos da tradição secular.

## a segunda lição de Ítaca

Veio com as mãos vazias,  
as mãos como os meus dias.  
Abraçou-me junto ao peito,  
com seu jeito,  
em um silêncio  
de quem se ia.

E ao olhar ao lado  
apontava o barco  
atracado ao cais.  
Com quem, constrangido, dizia:  
“Até mais”.

Mas se um dia voltares a Ítaca  
não será como a vez primeira:  
não será de quimeras, pérolas,  
doces mulheres e o canto da sereia.

... Se um dia voltares a Ítaca  
com as mesmas mão vazias  
da glória passageira,  
vazio o armário dos anos e calendários,  
todos os projetos, concretos,  
e outros tantos nem tanto.

... Se um dia voltares, Ulisses,  
com as mãos vazias de tudo,  
sem os olhos de empáfia, de orgulho  
nas páginas, nas capas do *showbiz*.  
Já sem os holofotes e as luzes.

Se voltares à ilha,  
um dia,  
nada mais será dos lugares.  
Se um dia voltares.

Tudo é novo nos lugares  
se um dia voltares.

## labiata

Ferida  
A flor aberta  
sopra a dor incerta.

Labiata  
Aberta em valva  
envolve o mel e a polpa.

Marsúpio  
Guarda em bolsa  
envolto o ovário.

Labiata  
Lábio no lábio cravado  
no beijo seiva farta.



## relicário

madrepérola  
alaúde  
camafeu  
balaústre  
escapulário.

floreira  
faiança  
castiçais  
alabastro  
candelabro.

querubim  
marfim  
biscuí  
durepox  
pingentes  
cristais  
portais belle époque.

estavas lá?  
nem me lembro mais.



## anjos

Anjos são seres corpóreos  
se assim os necessito.  
Outras vezes puro espírito  
não se mostram facilmente aos meus olhos.

Anjo da anunciação.  
Anjo da revelação.  
Anjos na boate, neon.  
Anjo caído: satã.

Anjos alegres.  
Anjos angélicos.  
Anjos pós-modernos.  
Anjos são eternos.

Anjos são eunucos.  
Anjos são castrati, a voz de Farinelli.  
Um triste canto, soprano.  
Anjos são humanos.

Anjo seminal  
no útero infiel.  
Anjo fecundo, representante do céu,  
dublê do criador na alcova de José.



## exeu com uma mexeu com todas

Formigas feito moscas.

Bichas feito loucas.

Mexeu com uma

Mexeu com todas.

As garças – damas elegantes.

As gralhas, grasnando tanto  
ficaram roucas.

Ararinhas – quase extintas –  
se agitaram, mas eram poucas.

Mexeu com uma

Mexeu com todas.

As abelhas – zangadas –  
vieram à toda.

As vespas – que não são bestas –  
e as pulgas – pululando –  
vieram em bando.

Mexeu com uma

Mexeu com todas.

As corujas – insones e sábias –  
não dormiram de touca.

E as mariposas – espertas, mas cegas –  
largaram o abajur de louça.

Mexeu com uma

Mexeu com todas.

Angolistas – distímicas e fracas.

Libélulas – orgulhosas que só elas.  
Assim vieram, despojadas das dores.  
Mexeu com uma  
Mexeu com todas.

Vieram todas:  
dos jardins e florestas,  
dos subúrbios e quintais,  
das notícias, dos jornais.  
Mexeu com uma  
Mexeu com todas.

## yves foi à guerra

Yves vai à guerra.  
A notícia timbrada  
chega à caixa das cartas.

Reinaldo Arenas  
no calabouço tirano  
latino-americano.

Lorca está morto,  
e seu corpo sumiu  
no ano da guerra civil.

Arnold Layne  
sua coleções de roupas e serpentes,  
sempre de frente ao espelho.

Yves vai à guerra  
na Argélia.  
Diz a carta quando aberta.

Dorian preso no retrato do belo.  
Amor,  
o nome que não ousou dizê-lo.

Rimbaud,  
que desistiu  
do poema inútil.

Yves foi à guerra.  
Hemingway, não sei.  
James Brown, não.



## o fado

Não é de nós  
ao fado deter.  
Eis que o destino tem rumo próprio.  
É vento no campo, magnólio.

Não o sabem os moços  
e põem-se, como loucos,  
a içar velas, sem porto.

Enfrentam marés de procelas,  
inventam cem caravelas,  
e hidras de lerna  
e países em guerra.



## o que ele está fazendo?

*What the hell is he building in there?*

Tom Waits

O que ele está fazendo lá dentro?  
Ouço barulho,  
martelos e pregos.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Ele não tem mulher,  
amigas,  
uma revista,  
um pôster qualquer.

O que ele está fazendo lá dentro?  
Ouço barulho,  
furadeira e lixadeira elétrica.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Ele não tem cachorro.  
Não tem parente,  
não tem gerente.  
Que barulho é esse?

Barulho de água corrente  
escorrendo em segredo  
o ato ilícito  
os medos.  
Verdades são mais  
do que fatos implícitos.

Som de serra elétrica  
madeira, ferro,  
vértebra seca,  
um fêmur.  
O que ele está fazendo lá dentro?

O vizinho do lado  
já comenta.  
O da frente  
espia na fresta.  
A velha Elisa discou 190:  
não veio escolta, cães treinados,  
nenhum sargento.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Eu mesmo abri e vi  
a caixa de cartas vazia.  
Nem carta nem boleto de pagamento,  
vazia.  
Mas ele sai todo dia  
com os pacotes que ele envia.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Mato crescendo no jardim:  
inço e erva-daninha.  
No antigo canteiro de margaridas  
não resta dúvidas:  
a terra foi remexida.

A TV sempre ligada  
à noite, sua luz azulada  
como o neon do hotel.  
Mas os gemidos, o Buck relata,  
e ele garante,  
não são de filme ou novela.

Sensini, o argentino,  
que, inclusive, já foi detetive,  
colheu digitais na maçaneta  
e levou ao instituto de perícias.  
Iguais àquela tinha outras trinta,  
apagadas com ácido e benzina.

O que ele está fazendo lá dentro?  
Ouço ruídos,  
gritos surdos, sussurros.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Barulhos persistem.  
Ranger de madeiras e tábuas  
como que arrancadas com pé-de-cabra.  
Quer esconder algo grande,  
rígido, estanque.  
Algo que não mais se dobra.  
O que ele está fazendo lá dentro?

Ele sabe que os tolos vencerão  
e os venais estarão no poder.  
Ele certamente já se prepara  
em sua casa, a casamata.  
Ele conhece o segredo de Roswell.  
Ele viu um deles  
mais de um, uns dez.  
E leu as cartas do Mar Morto.  
E sabe da solidão do mundo,  
o terror de uma pessoa  
sofrendo  
solitária num quarto escuro  
ou num porto.

O que ele está fazendo lá dentro?

## mesmo não sendo luz

Mesmo não sendo luz.  
Mesmo não sendo paz,  
a imagem calma que esta lua traz  
ao deitar no mar.

Mesmo não sendo voz  
de alguém a cantar.  
Nem vento leve na praia,  
nem veludo no olhar.

Sendo cor interna,  
da própria carne da tela.  
Sendo voz contida,  
tímida, a melodia e a letra.



## aprofundo o pensamento

Aprofundo o pensamento  
quando cala a palavra  
(na boca)  
num mar de silêncio.

Aprofundo o pensamento  
quando sinto a palavra  
(mais rara)  
num mar homogêneo.

Como por exemplo:  
quando a lua naufraga  
(na poça)  
num mar de sereno.



## farol

Uma cara  
que seja igual  
ou rara.

Um dedo  
que seja arrojo  
ou medo.

Um pé  
que seja avanço  
ou ré.

O ombro  
que seja solidez  
ou escombros.

O braço  
que seja soco  
ou abraço.

O pinto  
que seja obsceno  
ou distinto.

Um olho, o sol  
que seja eclipse  
ou farol.

## Aos que viram turmalinas

Todos os que viram turmalinas como esmeraldas,  
os que deliram, oníricos nas febres amarelas.

Os que seguiram as hordas modernas com sua fantástica carga de  
destruição e ganância.

Todas as metrópoles e sertões de andanças.

As paradoxais catedrais sem esperança no fim dos dias.

Escombros e o que ficou da bandeira de malta e da estrela do norte.

E o segredo dos círculos concêntricos.

Todos os que viajaram esfarrapados pelas estradas na corrida do  
ouro. Todos os territórios conquistados e as trilhas abertas,  
o rastro de sangue dos logradouros.

Todos os índios e os meninos, de óculos, recrutados.

Todos os espaços celestiais ocupados, este o motivo.

Todos os que sumiram na roda dos dias, todos os dias.

Todos os que passaram por universidades de brinquedo, de futuro  
radiante, e que agora seguem o horizonte fosco.

Todos os que venceram em seus partidos e não há amadores nisso.

Todos os que brilharam na fotografia cintilante do poder.

Todos os reclusos no quarto escuro. Os solitários do momento, e  
você sabe: o momento pode ser o infinito.

Todos os que preferiram o recolhimento conveniente e confortável, a  
introspeção dos cestos de papel no quarto.

Todos os que saíram do país, antevendo o futuro trágico e pequeno,  
e um presente *delivery* e ruas de Amsterdã.

Todos os que pregam a palavra nas praças, todos os palcos, os  
cenários.

Todos os que voltaram.

Todos os insones desta hora em que invento, escrevo num momento  
a poesia. Todos tão atentos, como por exemplo.

Todos os amantes, seus pactos de sangue, as lusas ilusões.

Todos esquecidos no impacto da solidão do primeiro instante.

Todos os que se atiraram no flerte fatal, e  
não voltaram mais.

Aqueles possuídos pelas mãos, os dedos do medo, da medusa do  
medo.

Todos os que enlouqueceram sem o prazer da loucura.

Os que se embrenharam nas montanhas de fausto e danação.

Todos os que escolheram entoar a glória do poder,  
o braço duro do poder.

O olho vesgo do poder.



## não me responsabilizo

o que digo  
o que minto  
limito ao mais tímido instinto.

sei que levas contigo  
sinto  
o extremo perigo  
e admito:  
inseguro, não me arrisco.

por isso  
não cutuque  
com esta vara curta,  
com seus truques,  
seus feitiços.

pressinto  
estou por um fio.  
Estou por um triz.  
Sei disso:  
basta um riso  
um viço  
que eu me atiro,  
inteiro,  
não resisto.

Acabo perdendo o juízo.  
Não me responsabilizo.



## grilo

Me leva  
para onde a terra  
tem cheiro de chuva.  
O melhor *terroir* da uva.  
Os parreirais, o mosto aduba.

Me leva  
para onde a terra  
tem cheiro de mar.  
O melhor gersal de temperar.  
Pescaria, calma de ban-chá.



## **pé ante pé**

Pé ante pé  
pluma ante pluma  
andar leve  
de não afundar na neve.

Pé ante pé  
dinamite  
estourar cabeças de ponte  
queimar os navios no horizonte.

Pé ante pé  
despistar  
eliminar todas as pistas  
tornar secretas as evidências.



## cheguei agora do caminho deserto

cheguei agora do caminho deserto  
profeta da terra  
profeta caseiro.

O Pescador,  
postejando o peixe,  
falou: “Platitudes, interditos.  
Disto  
não queremos ouvir”.

Cheguei agora do caminho deserto.

Se és profeta  
que atires a primeira pedra  
disse  
o Semeador de Trigo:  
“Profetas projetam o perigo”.

Cheguei agora do caminho deserto.

Profeta! Ensina o fermento  
da Farinha de Três Dias.  
“Ensina o pão, profeta,  
vai, cumpre a tua meta.”

Ceguei agora do caminho deserto.

Os mercadores do templo:  
“Sete sestércios é o preço certo”.  
O profeta contesta,  
desdenha dos bens de matéria.

Ceguei agora do caminho deserto.

Katia Flávia!  
O profeta reconhece o rosto,  
reconhece o jeito  
de olhar de baixo.  
Reconhece...

Quis a vida que aprendesse  
bebesse a água da vida  
com Kátia Flávia!

Ceguei agora do caminho deserto.

## o tempo

Tomei ciência do tempo  
quando  
de frente ao espelho  
de repente  
me vi frente a frente.

Foi súbito  
como um soluço.  
Quando olhei os olhos fundos  
de tantas noites de outono.  
E eu ali: quase um anacoluto.

Tão rápido  
quase um susto.  
Deparei com meu rosto  
os sulcos  
que o tempo cavou fundo.

Num átimo,  
uma palavra em desuso.  
Mostrando que o tempo passou rápido,  
o tempo relativo  
e o tempo absoluto,  
e tantas edições do dicionário.

Parece que foi num minuto  
minha trajetória no mundo.  
Quando notei já era outro,  
já não tinha fio no couro cabeludo.

Tomei ciência muito tarde.  
Quando agora todas as horas  
sem intervalo.  
Cada minuto  
é como o infinito  
se esvaindo pelo ralo.

## caqui ao chão

Sangue de açúcar e luz.  
Chão de cores calcinadas  
no intenso verão  
nas tardes febris.

Caqui ao chão.  
Carne prolongada na tarde  
no prolongamento das fibras,  
em sentido de raiz.

Morre de sede, a fruta.  
Ao sal da areia, quintal.  
Ao leito calcário  
morre de sede ao giz.

Morre de sede, a fruta.  
Ao ciclo que se cumprir,  
ao giro do sol, inexorável.  
De tão doce morre de sede no fim.



## bentevi

paulo cesar de araujo Silva  
– Bentevi do Itacorubi –  
quando viu o “imbigo”  
da miss –  
*go to me* –  
disse  
e *gimme a “quiss”*.

Embora não fosse o x  
do sotaque daqui  
sim o dente da frente  
– ausente –  
que, por mais que tente,  
não fala sem cuxpir.



## urubu-malandro

Nas ruas do centro,  
flor vermelha e terno branco  
um passo certo e outro manco  
vai elegante o urubu-malandro.

Num compasso de cadência  
na Ladeira do Quebranto  
um passo forte, outro manso  
sincopado o urubu-malandro.

Escadaria do Rosário, igreja dos pretos  
no domingo de sol e vento,  
um passo esperto e outro tanso  
desce anjo o urubu-malandro.

No pardieiro da Conselheiro  
gafieira decadence  
um passo reto e outro penso  
no salão, urubu-malandro.

Ponto riscado, com pedra de pomba.  
Calunga de barro torto, sem torno.  
Um passo canso e outro santo  
no encruzo, urubu-malandro.

No coruto do morro,  
campo de bola sem retas, torço  
um passo prumo e outro cambo.  
Joga o jogo, urubu-malandro.

No cais de rita  
nas docas do porto  
em frente à casa das moças  
um passo em riste, outro mocho.  
O amor, urubu-malandro.

Do alto da ponte  
ao lançar-se no ar, solto,  
ao errático voo  
um passo raso, quase poço.  
Solta as asas, urubu-malandro.



Pais poetas saiam às ruas.

1977. O lugar: uma ilha ao sul do mundo. Muito bonita. Porém seus cidadãos inda nem comeram o bispo Sardinha. Folhetins mimeografados, vendendo em sinais, restaurantes, beira de praia. Concursos de teatro, boas colocações. Porém, mais um dia se passou. Corta. Ano 1989. Primeiro livro. Tatu. Produção independente. Dedicado a Lu. Família, filhos, contas. Como Sísifo, carregar pedras morro acima. Todos os dias. Ser artista é um privilégio. Ano 2000. Folhetins mimeografados, entre livros empoeirados, jogados em um sótão. Um adolescente encontra-os. Mostra para alguns amigos, com orgulho. Quer imitar. Fazer seu grão de poesia. Cria fanzines, distribui pela internet. Corta. Saindo de casa todos os dias às 5 da manhã para trabalhar. As lágrimas fáceis que escorrem em qualquer conversa. Até nas mais casuais. Este livro é grande. Não é para agora. É para daqui a 30 anos. Algum adolescente irá descobri-lo em um sebo no centro de Florianópolis. Irá comprar por 2 reais junto com alguma revistinha do Fantasma. Irá levar em sua pastinha a tira-colo, em meio aos materiais escolares. Irá ler entre uma aula e outra, sentado em algum canto de um centro comercial. Assim como eu fiz um dia. Talvez ele mostre para um amigo. Talvez mude a vida de alguém. Talvez não. É assim que as coisas funcionam. A beleza das coisas simples, do dia-a-dia, das pessoas comuns, fazendo poesia em capas de caderno, em folhas de jornal, entre goles de café, entre um relatório e outro. Dia após dia. Subir para deixar cair. E levantar.

